



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (GEA/UnB)**

**A GEOGRAFIA DO ALÉM: O LOCAL DO MUNDO
DOS MORTOS NA CULTURA JUDAICO-CRISTÃ**

Diego Lopes da Silva

Orientador: Prof. Dr. Dante Reis

Brasília
Julho, 2012

DIEGO LOPES DA SILVA

**A GEOGRAFIA DO ALÉM: O LOCAL DO MUNDO DOS MORTOS NA CULTURA
JUDAICO-CRISTÃ**

Monografia de Bacharelado apresentada junto ao Departamento de Geografia da Universidade de Brasília (GEA/UnB) como requisito para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Dante Reis

Brasília
2012

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela força e inspiração ao discorrer sobre um tema ainda obscuro à luz dos estudos sobre religião, que é aculturação ocidental do imaginário indo-europeu.

Agradeço ao Prof. Dr. Dante Reis pelo esforço, dedicação e disposição para orientar este trabalho final de graduação mesmo não sendo diretamente ligado a sua área de pesquisa. Aos meus colegas que me auxiliaram em algum momento nesta jornada acadêmica e que sempre estiveram dispostos a trocar informações e oferecer boas sugestões para a minha pesquisa.

Agradeço também a todos que se dispuseram a me ajudar, colocando em ênfase toda minha família: meu pai Francisco, minha mãe Denise, minha madrasta Azenilda e meus irmãos Fabiano, Vinícius e Samuel os quais tiveram papel fundamental na minha formação como homem e cidadão, e a todos os amigos que sempre estiveram do meu lado.

RESUMO

O presente trabalho disserta sobre uma possível reapropriação cultural do judaísmo de mitos e idéias sobre o desfecho escatológico e o local do mundo dos mortos na cultura judaico-cristã. Tendo como base a tradição rabínica e os textos bíblicos que versam sobre a temática, observa-se uma grande variação na crença e na idéia de existência de um porvir baseado na dedicação e doação a sua divindade Yahweh. Analisando as características apresentadas nos textos é plausível levantar a suposição sobre uma possível apropriação oriental que versa desde a fixação de uma divindade única no meio cultural judaico até a idéia de um porvir glorioso para aqueles que fossem fiéis a Deus na sua existência e o sofrimento para aqueles que negassem seus valores culturais e se contaminassem com as culturas pagãs circunvizinhas. Vale ressaltar que, mesmo num suposto judaísmo “fechado” aos intercâmbios culturais, as concepções de “porvir”, “mundo dos mortos” e “desfecho escatológico” acaba por usar idéias originalmente pagãs e imagens greco-orientais para se reafirmar culturalmente utilizando meios de escrita comuns na tradição grega da época, porém colocando em primazia o povo judeu (no qual aqueles que se mantivessem fiéis seriam salvos, enquanto os infiéis seriam condenados ao castigo eterno). **A geografia da religião auxiliará na compreensão do processo de aculturação judaica, mesmo pregando um judaísmo tecnicamente "fechado" aos intercâmbios culturais a aculturação de temas orientais servem de combustível para a manutenção dos aspectos principais da sua "cultura" religiosa**

Palavras-chave: Mundo dos Mortos; Judaísmo; Cultura; Religião e Geografia.

ABSTRACT

This paper aims at presenting a possible Judaism reappropriation of myths and ideas about the scatological outcome and the place of the dead's world into the Judaic-Christian culture. Based on the rabbinic tradition and the biblical texts which deal about this theme, it is observable both a big range in the belief and in the idea of a future existence intertwined with the dedication and donation to Yahweh. Analyzing the characteristics shown in the texts, it is plausible to raise the issue about a possible oriental appropriation which goes from a solo deity pattern among the Judaic culture which leads either to a glorious future for those who were faithful to God or the eternal suffering for those who denied its cultural values and got poisoned by the pagan cultures nearby. It is worth highlighting that, even with a possible "closed" Judaism to cultural interchanges, the future conceptions, the dead's world and the scatological outcome end in using original pagan ideas and Greco-Oriental images to reaffirm themselves using an ordinary literary style in the Greek tradition of that time; however, giving priority the Jewish people.

Key-Words: Dead's world; Judaism; Culture; Religion and Geography.

ABREVIATURAS/SIGLAS

Nome Original	Abreviaturas
Daniel	Dn
Livro de Isaías	Is
Livro de Ezequiel	Ez
1º livro de Macabeus 2º livro de Macabeus	1Mc 2Mc
4º livro de Esdras	4Ezra
Livro de Levítico	Lv
1º Livro de Reis 2º Livro de Reis	1Rs 2Rs
Texto Massorético	(MT)
Livro de Salmos	Sl
Bahman Yašt	(BY)
Antigo Testamento	(AT)
Novo Testamento	(NT)
Vetus Latina	(VL)
Manuscritos do Mar Morto	MMM
Livro de Provérbios	Pv
Hino Yasna Gathico	Y.
Avesta Novo ou Recente	Yt.
1º Livro de Enoque 2º Livro de Enoque	1 En 2 En
Livro de João	Jo
Livro de Lucas	Lc

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	8
1. Fundamentos Teóricos do Estudo Sobre a Religião	13
2. A Geografia do Além: o local do mundo dos mortos na cultura judaico-cristã.....	25
3. Considerações Finais.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

INTRODUÇÃO

O tema explorado neste trabalho monográfico diz respeito a uma possível apropriação cultural ocidental de complexos míticos indo-europeus por um povo semita, os judeus. As idéias que posteriormente foram aculturadas pelos judeus como “porvir”, “salvação”, “mundo dos mortos” e “desfecho escatológico” possuem um arcabouço teórico indo-europeu, sendo desenvolvida e trabalhada no contexto cultural judaico ao longo do seu desenvolvido até as formas mais sofisticadas como apresentadas no livro de Dn, e posteriormente resignificadas por Jesus Cristo e pelos seus seguidores. Observa-se que a concepção de além e mundo dos mortos é evolutiva, isto é, os judeus vão reapropriando termos tipicamente orientais desenvolvidos no zoroastrismo e concepções gregas onde os heróis tinham um destino bem diferente daqueles considerados “homens comuns”.

A discussão sobre a espacialidade¹ do “lócus” do mundo dos mortos, e como tal idéia acaba se tornando elemento central para o entendimento da cultura judaica, e quanto essas concepções auxiliaram a formação da noção de paraíso e inferno que foi reelaborada tardiamente pelos cristãos, são temas que serão abordados nesta monografia, e se enquadram no estudo da geografia dos fenômenos religiosos, mais popularmente chamada de geografia da religião.

Observa-se na monografia de final de curso um intercâmbio intenso entre geografia, história, antropologia, filosofia e teologia que aliados poderão nos dar elementos que nos forneçam o elo desta possível apropriação e resignificação cultural feita pelos judeus antigos.

Para a confecção deste trabalho, realizou-se uma análise intensiva das fontes com o objetivo de mostrar como se deram as interações presentes no tema porvir, mundos dos mortos e desfecho escatológico, que segundo diversos estudiosos da apocalíptica – tais como Flusser (1988),² Cohn (2004)³ e Collins (1993)⁴ – têm

¹ Observa-se que nos escritos mais antigos não existia nenhuma menção a mundo dos mortos, restringindo a existência humana a sua vida terrena, e somente a partir do séc. V a.C., o judaísmo incorpora e cria um espaço para premiar aqueles que forem justos durante a vida terrena, e punitivo para os que transgredirem as normas morais e éticas dadas pelo Deus dos judeus.

² Estudioso na área de apocalíptica que vincula a imagem do animal assombroso de Daniel 7 (daqui para frente representado pela sigla Dn) à figura de um rinoceronte indiano, animal que à luz de suas ideias melhor se encaixa na perspectiva interpretativa da “quarta besta”.

³ Norman Cohn aborda a arcabouço proveniente do zoroastrismo presente na religião judaica, dentro do qual vemos o livro de Dn como fruto de interações culturais do judaísmo com religiões orientais.

⁴ Dentre os pesquisadores da relação entre judaísmo e o fenômeno apocalíptico, é considerado o maior nome e que possui produção mais expressiva na pesquisa sobre o arcabouço mítico da literatura daniélica, isto é, as formas, a escrita, as ideias e as imagens existentes dentro de Dn.

origem indo-européia, embora tal opinião não seja consenso entre os estudiosos da área.

Para fins de pesquisa e entendimento acadêmico, antes de começar a discorrer sobre o fenômeno apocalíptico e suas inúmeras vertentes, tem-se a necessidade de uma definição precisa a respeito do que é o gênero apocalíptico.

Para John Collins, em seus estudos publicados na *Semeia 14* apocalipse, é:

Um gênero literário expresso por meio de visões sobrenaturais, nas quais os mediadores desta visão são seres sobrenaturais, na sua maioria anjos, que mediam visões ou conhecimentos acerca de um futuro indefinido, tais revelações são realizadas por meio de viagens ao além, visões de eventos históricos, ou por meio de uma indução química. (COLLINS, 1979, p.14).

Observa-se que os fenômenos religiosos são decorrentes das transformações na ordem social e política de um determinado povo ou sociedade. Observa-se que religiões comuns da antiguidade como o judaísmo e os primórdios do cristianismo tiveram grandes mudanças quando atreladas a momentos de dificuldade política, e quando seu “espaço vital”⁵ de conceitos e crenças era atacado, o caso mais clássico pode ser observado no judaísmo pós-exílio⁶, quando da redação final do livro de Daniel, a Judéia estava sob o domínio do imperador selêucida Antíoco IV Epífanes, que a governou de 175-163 a.C. Seu governo foi marcado por uma das maiores revoltas da história judaica, conhecida como Revolta dos Macabeus⁷.

Neste contexto cabe ao geógrafo da religião mostrar por meio de pesquisa como os fenômenos religiosos podem alterar a ideologia cultural e ordem espacial, e mesmo a criação de um “lócus” espacial onde teríamos o além, sendo este além subdividido em local de “glória” para aqueles que forem fieis ao Altíssimo e de “punição” para aqueles que se rebelaram a voz da sua divindade, tendo em vista a religião ser uma prática social que define um determinado “local” e um fenômeno cultural de forte abrangência local, e mesmo nacional, tendo na cultura judaica uma peculiaridade ímpar e que acabou posteriormente definindo esses conceitos na

⁵ A expressão espaço vital utilizada neste projeto não está ligada a Antropogeografia Ratzeliana do séc. XIX, ligada a constituição do território nacional alemão e, posteriormente na política de “partilha” do continente africano. A expressão está ligada a constituição de lugares no espaço cósmico que abrigará o “céu” como lugar de recompensa aqueles que foram fieis ao Deus dos judeus e o “inferno” para aqueles que não obedecerem os preceitos de não se contaminarem com os povos circunvizinhos.

⁶ Na volta do exílio, os judeus passam a ser mais observadores da lei, acreditando no seu Deus como sendo único e incorporando ideias comuns ao mundo babilônico e resignificando dentro do próprio judaísmo.

⁷ Conflito ocasionado pela imposição de valores sociais e culturais helenísticos aos judeus que não aceitavam nenhuma modificação em sua estrutura religiosa de culto ao Deus dos judeus. Os livros bíblicos de 1 e 2Mc mostram a que ponto chegou a revolta dos judeus em relação às políticas praticadas por Antíoco Epífanes.

religião cristã Ocidental. O texto transcrito mostra a importância do estudo da religião sob a ótica da geografia e a importância da pesquisa em geografia da religião.

Geografia e religião são (...) duas práticas sociais. O homem sempre fez geografia, mesmo que não o soubesse ou que não reconhecesse formalmente uma disciplina denominada geografia. A religião (...) sempre foi parte integrante da vida do homem, como se fosse uma necessidade sua para entender a vida. Ambas, geografia e religião, se encontram através da dimensão espacial, uma porque analisa o espaço, a outra porque, como fenômeno cultural, e ocorre espacialmente” (ROSENDHAL, 1996).

As pesquisas que atrelam a definição de um espaço do além na cultura judaica ainda são incipientes, e este trabalho visa refletir a formação de uma idéia de além, porvir na cultura judaica, e posteriormente na cultura cristã ocidental, e para isso deve-se buscar a maneira como ocorreu o processo de aculturação judaica desta noção de além que é primordial para entendermos a configuração do judaísmo antigo, e seu contexto sócio-político, isto é, o momento de turbulência política que vivia a Judéia devidos a políticas de unificação cultural propostas por Antioco IV, Epífanos. Tais elementos são essenciais para o entendimento de como a concepção de mundo dos mortos e porvir foi de suma importância para manter um judaísmo coeso dentro de uma proposta teocrática e como mesmo em meio as perseguições a grande maioria dos judeus tinham na crença de um porvir uma maneira de lançarem sua expectativa de melhorias na ordem política, social e religiosa para o além, no qual os judeus tinham sido escolhidos e gozariam das benesses dadas por YAHWEH.

Nesta monografia, sustenta-se que, mesmo no judaísmo, observando-se as restrições no âmbito político e religioso em relação ao envolvimento cultura, conforme se lê em Lv 20.26, verifica-se que a concepção de além seja fruto da mescla elementos de diferentes culturas, fazendo assim que a concepção judaico-cristã presente no livro Dn e nos demais apocalipses pseudoepígrafos sejam fruto desse hibridismo cultural⁸. Logo a noção desenvolvida de paraíso, inferno e mundo dos mortos na cultura judaico-cristã seria fruto da interação entre as culturas mesopotâmicas (babilônica, assíria, fenícia), orientais (indiana e iraniana) e grega, os judeus acabaram com os intercâmbios culturais assimilando pontos destas culturas e criando uma noção que diferia totalmente dos primeiros escritos hebreus como veremos ao longo deste trabalho.

⁸ Vale ressaltar que mesmo com o intenso intercambio de idéias de origem tipicamente judaica se faz presente também ao longo dos textos que versão sobre o além como em Dn 7 e Ez 1.

Na primeira seção deste trabalho realizar-se-á uma busca sobre os elementos da geografia da religião que dão subsídios aos debates a respeito da religião como forma de transformação espacial e cultural, buscando os fundamentos teóricos do tema religião e sua inserção nos discursos históricos, teológicos e filosóficos, partindo para a análise deste importante elemento no discurso geográfico com fins de entendimento da alocação dos homens no espaço e a relação do homem com o sagrado⁹ nas suas diversas formas.

No segundo momento far-se-á uma análise de elementos e mitos formadores do pensamento apocalíptico judaico, buscando pontos de intersecção entre o imaginário apocalíptico oriental e a formação da concepção de além na mentalidade religiosa judaica. Elementos como processos de aculturação, resistência cultural e evolução das idéias sobre o além serão debatidos a fim de comprovar uma possível influência oriental na formação da identidade cultural judaica, juntamente com as idéias de “salvação”, “perdição”, “mundo dos mortos” e “além”, que posteriormente se transformaram em grandes doutrinas das religiões monoteístas modernas como: cristianismo, judaísmo e o islamismo.

Observa-se que no estudo da geografia da religião a interdisciplinaridade é essencial para o entendimento e conhecimento de como as noções de porvir, céu, inferno e paraíso tomaram conta do imaginário Ocidental a partir da apropriação judaica de elementos que eram considerados “pecaminosos” por serem de uma cultura externa ao judaísmo.

Na análise proposta noções filosóficas, teológicas, geográficas e históricas serão trabalhadas a fim de que o leitor tenha conhecimento do que está se pesquisando e como o intercambio fornecerá elementos importantes para compreensão da análise espacial do mundo dos mortos e suas subdivisões.

Logo, a presente pesquisa visa dar sua contribuição para que elementos ainda obscuros, à luz das pesquisas sobre religião modernas, venham a ser melhor respondidos ou mesmo indicando novas abordagens ou uma nova maneira de entender a concepção de além por meio da concepção evolutiva do porvir desenvolvido pela cultura judaico-cristã. Tendo o foco da religião como uma das maiores instâncias de transformação cultural, o ideário do além e sua concepção

⁹ A expressão que designa o sagrado ficou melhor trabalhada pelo estudioso das religiões Mircea Eliade em sua famosa obra O Sagrado e o Profano (1992), na qual faz levantamentos a fim de mapear a essência dos fenômenos religiosos.

evolutiva criam "diversas" espacialidades gerando um lugar destinado ao salvos e outro destinados aos perdidos. No âmbito de estudo da ciência geográfica a presente monografia pretende apontar uma nova modalidade de entendimento de um espaço metafísico do além, em que o imaginário cultural do povo judaico estará ligado a conquista da “salvação” e no juízo das nações ímpias, passando este espaço extraterreno ter um valor imensurável no contexto cultural judaico, tendo em vista que estará intrinsecamente ligado à não contaminação com as culturas pagãs da Antiguidade e uma maneira clara de resistência cultural ao fenômeno helenístico, sendo tal ideário essencial para o entendimento da teologia judaica pós-exílio, e posteriormente aos cristãos.

1. Fundamentos Teóricos do Estudo Sobre a Religião

Antes de começarmos a trabalhar com a presença da religião nos discursos filosóficos, históricos e geográficos, há a necessidade de definir o que vem a ser religião, nos termos gerais e sua abrangência na Antiguidade como definidora da cultura de uma sociedade,

A religião é uma das atividades mais universais conhecidas pela humanidade, sendo praticada por todas as culturas desde o início dos tempos, seu surgimento está ligado ao desejo de encontrar um significado e propósito definitivo para a vida, geralmente centrado na crença e ritual à um ser sobrenatural. Na maioria das religiões¹⁰, os devotos tentam honrar e/ou influenciar seu deus ou deuses através de preces, sacrifícios e a sacralização de animais ou comportamento correto.

O termo latim que se refere a religião é *religare*, e tem como característica fundamental o elemento de criar um elo, uma “religação” com o divino, embora possamos classificar como quaisquer doutrina ou forma de pensamento que tenham como característica fundamental um conteúdo metafísico, ou seja, de além do mundo físico.

Uma tentativa de mapear o início da trajetória da história do pensamento religioso se mostraria falho tendo em vista que o surgimento e consolidação do pensamento religioso se confunde com o próprio surgimento e desenvolvimento do homem que buscava quer seja nos elementos da natureza, quer seja em si próprio elementos para o entendimento de si próprio e do mundo que o cerca.

Na Antiguidade a religião era vista como algo essencial para manutenção da humanidade, já que eram os deuses que ditavam o ritmo da sociedade, através das colheitas, guerras, saúde e prosperidade. Na maioria dos povos¹¹ existia uma divindade responsável para cada uma das instâncias consideradas essencial para a vida humana.

¹⁰ Observa-se que surge a pergunta a respeito do que pode ser incluído no que chamamos de religião. Pode-se chamar o marxismo – leninismo; o fanatismo e o radicalismo partidário político de religião, ou humanismo? Alguns teóricos incluem tais crenças em uma definição moderna de religião, entretanto, prefere-se para fins de abordagem chamar tais concepções de ideologias, e não religiões, para fins de estudo de casa esta monografia centrar-se-á nas religiões propriamente ditas e conhecidas.

¹¹ Observa-se que outros povos da Antiguidade tinham deuses para cada elemento essencial da sociedade Antiga, por exemplo, Baal na cultura filistéia era o deus das colheitas. No Egito antigo tínhamos Rá como deus do sol, Toth deus da sabedoria e do conhecimento, Isis deus do amor e da magia, Osíris deus da vegetação e Anúbis deus do submundo ou dos mortos entre outros, logo observa-se a diversidade de divindades presentes nas culturas antigas.

Observa-se que as divindades tinha seu "lócus" de ação e representava uma instância superior a dos homens mortais, isto é, para existência do sagrado existia a necessidade de uma delimitação de um espaço físico para as práticas religiosas de sacrifícios e a consagração a sua respectiva divindade. Os hebreus criaram a figura do Tabernáculo, e que posteriormente evolui ao Templo onde somente o Sumo Sacerdote poderia apresentar sacrifício pelos pecados do povo sacrificando animais para redenção da população, no mundo grego e sua variedade de Deus, observa-se que cada cidade era "consagrada" a um divindade, e o seu culto e a adoração no Templo era necessária para fins de dádivas como produção, colheita e vitória em alguma guerra que estivesse envolvida determina "cidade-estado".

No discurso filosófico o assunto religião começa a ser abordado no mundo Oriental, sendo posteriormente trasladado por sucessivas apropriações culturais ao Ocidente. O zoroastrismo é a primeira religião a elaborar um discurso filosófico na forma de um compêndio onde consta as grandes idéias, as formas de entender o mundo e a situação.

No zoroastrismo¹², a divindade Ahura Mazda é, na sua essência, boa; entretanto, Angra Manyu é a personificação da maldade, sendo facultado ao homem escolher qual essência estará presente nos seus atos, a bondade ou a maldade, conforme trecho transcrito no hino de glorificação a Ahura Mazda no Yasna:

Y.44: o Senhor Sábio, por causa da verdade escolhemos certamente isto: que possamos pensar, dizer e executar aquelas ações existentes que podem ser as melhores para ambas as existências.

Nos discursos Ocidentais a religião é mostrada como foco desde Homero quando se vê a punição que Ulisses teve por transgredir a vontade dos deuses e ter que ficar vagando vários anos pelos mares sem poder voltar para sua residência ou mesmo no mito de Prometeu quando ele oferece ossos aos deuses e como punição pela sua ação acaba sendo vítima de sua ação e sofrendo a punição por ter seu fígado devorado todo dia por uma ave de rapina, sendo regenerado no dia seguinte para que possa sentir novamente a dor pela sua desmesura e incoseqüência de seus atos.

¹² O zoroastrismo, também chamado de parsismo, é uma religião monoteísta fundada na antiga Pérsia pelo profeta Zaratustra, a quem os gregos chamavam de Zoroastro. É considerada como a primeira manifestação de um monoteísmo ético. Sendo a religião que influenciou o judaísmo, cristianismo e islamismo nas concepções religiosas de crença no paraíso, na ressurreição, no juízo final e na vinda de um Messias. Fonte: Mary Boyce. "On the Antiquity of Zoroastrian apocalyptic" in: *Bulletin of the School of Oriental and African Studies*, 1998.

Entretanto, o fenômeno religioso passa a ser alvo de maior atenção a partir de Hesíodo na sua obra *Trabalho e os dias* quando começa a desenvolver seu esquema de periodizar a história em idades cronológicas, chamado como: mito das idades do mundo, observa-se que mesmo Hesíodo trabalhando essa temática existe complexos míticos que tratam do mesmo assunto em outras culturas como a persa e a indiana. Pela importância essencial no estudo da religião a versão hesiódica¹³ do mito merece uma citação da passagem onde relata as idades e a periodização divina da história humana:

Primeiro de ouro a raça dos homens mortais
criaram os imortais, que mantêm olímpicas moradas.
Eram do tempo de Cronos, quando no céu este reinava;
Como deuses viviam, tendo despreocupado coração,
apartados, longe de penas e misérias; nem temível
velhice lhes pesava, sempre iguais nos pés e nas mãos alegravam-se em
festins, os males todos afastados[...]
Então uma segunda raça bem inferior criaram,
argêntea, os que detêm Olímpia morada;
à áurea, nem por talhe nem por espírito semelhante[...]
E Zeus Pai, terceira, outra raça de homens mortais
Brônzea criou em nada se assemelhando à argêntea;
Era do freixo, terrível e forte, e lhe importavam de Ares
Obras gementes e violências, nenhum trigo
eles comiam e de aço tinham resistente o coração[...]
Mas depois também a esta raça a terra cobriu,
de novo ainda outra, quarta, sobre fecunda terra
Zeus Crônida fez mais justa e mais corajosa
raça divina de homens heróis e são chamados
semideuses, geração anterior à nossa na terra sem fim[...]
Antes não estivesse eu entre os homens da quinta raça,
mais cedo tivesse morrido ou nascido depois.
Pois agora é a raça de ferro e nunca durante o dia cessarão de labutar e
penar e nem à noite de se destruir; e árduas angústias os deuses lhe darão.

Observa-se que o mito hesiódico das idades/metals está associado ao mito de Pandora no que tange à punição dos deuses aos excessos cometidos pelos homens, as duas primeiras eras são ahistóricas, isto é, são representações mentais elaboradas por Hesíodo a fim de convencer o leitor que as divindades atuam sobre os homens. A ideia punitiva se mostra ainda mais clara quando se observa que a decadência dos metais está associada às desmesuras (*hybris*) e excessos que os homens cometiam, transgredindo os princípios de equilíbrio que regem o Universo. Observa-se que os deuses controlam as idades e o pensamento humano de forma geral.

¹³ Os trabalhos e os dias, 176 ss..

A partir do séc V .a.C. ocorre por parte dos filósofos¹⁴ da Grécia Antiga como Tales, Xenófanés, Pitágoras, Heráclito e Protágoras, uma racionalização das questões acerca da realidade última das coisas, das origens e características do verdadeiro conhecimento, da objetividade dos valores morais, da existência e natureza de Deus (ou dos deuses). Muitas das questões levantadas por esses antigos pensadores são ainda temas importantes da filosofia contemporânea neste período começa a haver um questionamento sobre a esfera de atuação dos deuses e os homens passam a ter suas "vontades" pela racionalização do pensamento religioso, mesmo que ainda incipiente.

O pensamento religioso começa a se cristalizar na sociedade Ocidental a partir de grandes pensadores da antiguidade e do medievo; Agostinho de Hipona¹⁵, Tomás de Aquino¹⁶ e Jerônimo¹⁷ são elementos importantes para compreendermos a inserção dos fenômenos religiosos na análise social. Observa-se que a própria igreja buscará na fenomenologia religiosa uma análise plausível de entendimento da realidade social dos povos, principalmente durante o medievo Ocidental.

Logo, a religião passa a ser objeto de estudo dos fenômenos culturais e o elementos de maior definição de uma sociedade, principalmente quando vê-se as guerras de sucessão do trono, o fortalecimento da igreja católica, a reforma protestante e as guerras envolvendo os aspectos religiosos na definição das sucessões monárquicas.

Os filósofos, historiadores, antropólogos começam a visualizar a religião como um pensamento definidor de contextos e de identidades culturais, sendo assim um prato cheio para as ciências humanas se debruçarem e estudarem mesmo ainda

¹⁴ A partir do séc. VI a.C. passa a existir uma cisão entre conhecimento estritamente religioso e filosófico, enquanto este se baseia em argumentos racionais para tecer sua explicação de mundo e da realidade, aquele busca na mitologia e nas crenças individuais as respostas as necessidades imanentes da natureza humana

¹⁵ Agostinho é uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Nos primeiros anos foi influenciado pelo maniqueísmo e pelo neoplatonismo, mas depois de tornar-se cristão 387 d.C., desenvolveu a sua própria abordagem sobre filosofia e teologia e uma variedade de métodos e perspectivas diferentes. Aprofundou o conceito de pecado original, desenvolveu o conceito de Igreja como a *cidade espiritual de Deus* (em um livro de mesmo nome), distinta da *cidade material do homem*. Seu pensamento influenciou profundamente a visão do homem medieval. (BARBACENA, 2008).

¹⁶ Tomás nasceu em Aquino por volta de 1225 em Roccasecca, no mesmo Condado de Aquino (Reino da Sicília, no atual Lácio). Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, redefiniu a forma de obter uma sólida base filosófica para a teologia e retificou o materialismo de Aristóteles. Em suas duas *summae*, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: a *Summa theologiae* e a *Summa contra gentiles*. (FAITANIN, 2009).

A partir dele, a Igreja tem uma Teologia (fundada na revelação) e uma Filosofia (baseada no exercício da razão humana) que se fundem numa síntese definitiva: fé e razão, unidas em sua orientação comum rumo a Deus.

¹⁷ Jerônimo (347 - 420), nascido Eusébio Sofrônio foi um padre e apologista cristão ilírio É conhecido sobretudo como tradutor da Bíblia do grego antigo e do hebraico para o latim. edição de São Jerônimo, a *Vulgata*, é ainda o texto bíblico oficial da Igreja Católica Romana, que o reconhece como Padre da Igreja (um dos fundadores do dogma católico) e ainda doutor da Igreja. (SILVA, 2006)

existindo uma forte ligação entre esses pensadores e a igreja num primeiro momento, sendo posteriormente o pensamento substituído em prol da razão e da liberdade do conhecimento.

A partir de transformações sociais como renascimento¹⁸ e a reforma protestante¹⁹; o pensamento religioso também é alterado em virtude destas transformações. As escolhas e decisões humanas passam a ter um valor jamais mensurado na civilização Ocidental, e as ações predeterminadas pela divindade caem em descrédito. Com o fim do monopólio da Igreja Católica sobre o sagrado cada homem pode se achegar a Deus por sua vontade. Já não necessita de intermediários, e o espaço religioso também é modificado, tendo em vista que a comunhão (igreja)²⁰ já não se mostra essencial e sim a manutenção da moralidade e a busca individual por meio da adoração ao Altíssimo.

A racionalização e a secularização do pensamento religioso trouxe novas perspectivas de entender a religião, e pensadores como David Hume²¹, Locke²², Kant²³ e Nietzsche²⁴ trouxeram uma nova postura aos estudos sobre ciência da

¹⁸ Renascimento ou Renascença são termos usados para identificar o período da História da Europa entre fins do século XIII e meados do século XVII, marcado por transformações em muitas áreas da vida humana, que assinalam o final da Idade Média e o início da Idade Moderna. Tais transformações ficaram bem explícitas na cultura, sociedade, economia, política e religião, caracterizando a transição do feudalismo para o capitalismo e significando uma ruptura com as estruturas medievais, o termo é mais comumente empregado para descrever seus efeitos nas artes, na filosofia e nas ciências. Chamou-se de "Renascimento" em virtude da redescoberta e revalorização das referências culturais da antiguidade clássica, que nortearam as mudanças deste período em direção a um ideal humanista e naturalista. (MARQUES, 2009).

¹⁹ A reforma protestante foi um movimento reformista cristão iniciado no início do século XVI por Martinho Lutero, quando através da publicação de suas 95 teses, em 31 de outubro de 1517 na porta da Igreja de Wittenberg, protestando contra diversos pontos da doutrina da Igreja Católica, propondo uma reforma no catolicismo. As críticas estavam ligadas a prática de preceitos considerados "antibíblicos" pelos reformistas como: a prática de indulgências, a infabilidade papal, a usura e a falta de uma tradução local das escrituras, sendo utilizada em todo mundo as escrituras em latim e o culto somente ser baseado na língua da igreja. Os princípios fundamentais da Reforma Protestante são conhecidos como os cinco solas; *Sola Christus Sola Gratia, Sola Scriptura, Sola Fide, Soli Deo Gloria*.

²⁰ Cristianismo Primitivo é o nome dado a uma etapa da história do cristianismo de aproximadamente três séculos que se inicia após a Ressurreição de Jesus e termina em 325 com a celebração do Primeiro Concílio de Nicéia. No início, a igreja cristã foi centrada em Jerusalém e tinha entre seus líderes Tiago, o justo e irmão de Jesus e os apóstolos Pedro e João. Paulo de Tarso, depois de sua conversão ao cristianismo, reivindicou o título de Apóstolo dos Gentios, sendo o grande nome do cristianismo e o fundamento das doutrinas eclesiais. A igreja é considerada o corpo de Cristo, entretanto, as ideias divergem sobre temas periféricos a fe central cristã; divergindo em aspectos importantes no Ocidente e Oriente, principalmente depois do cisma do Oriente (1054); a igreja grega (ortodoxa) adere a outros preceitos de fé que divergem do tradicional catolicismo romano. (LINDBERG, 2008).

²¹ David Hume (1711-1776) foi um filósofo, historiador e ensaísta escocês que se tornou célebre por seu empirismo radical e seu ceticismo filosófico, Hume opôs-se particularmente a **Descartes** e às filosofias que consideravam o espírito humano desde um ponto de vista teológico-metafísico.

²² John Locke (1632-1704) foi um filósofo inglês e ideólogo do liberalismo, sendo considerado o principal representante do empirismo britânico, Locke rejeitava a doutrina das ideias inatas e afirmava que todas as nossas ideias tinham origem no que era percebido pelos sentidos. Locke fez algumas reivindicações que surpreendeu seus contemporâneos sugere que dada a nossa ignorância de substâncias, era possível que Deus poderia fazer a matéria se adequar eliminando o pensar, sugerindo que a imaterialidade da alma não era particularmente importante.

²³ Immanuel Kant (1724-1804) foi um filósofo prussiano, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, indiscutivelmente um dos pensadores mais influentes. Kant é famoso sobretudo

religião e sua função passa também por transformações de ordem estrutural neste período devido a efervescência das grandes revoluções do séc. XVIII, neste período observa-se que a religião passa a ser objeto de estudo de diversos campos de estudos que estavam se delimitando; Antropologia, Sociologia, Filosofia, História começam a estudar a cultura, e, por conseqüência direta, a religião. Vale ressaltar que a Geografia estava ainda se delimitando como campo do saber científico, e que posteriormente traria importantes contribuições ao estudo das religiões, principalmente na análise socioespacial e sobre a influência da religião no território.

A profusão do ideário humanista fez a religião ser vista não na sua maneira clássica como algo que buscava "religar" o homem ao sagrado, e sim uma maneira de entender determinada cultura, região e território, neste contexto de uma necessidade de estudar as religiões sobre o prisma humano nasce a escola das religiões comparadas que buscam demonstrar elos comuns existentes entre as diversas religiões desde a antiguidade até a contemporaneidade.

Religionswissenschaft, mais popularmente conhecida como "ciência da religião" é um método histórico comparativo utilizado no estudo da religião, sendo desenvolvido em estudos bíblicos na Alemanha durante o séc. XIX, e enfatizou que as idéias bíblicas eram produtos do meio cultural, isto é, o meio moldava aquilo que fora escrito pelos os autores bíblicos, inclusive as ideias de céu, inferno e mundo dos mortos são apenas desenvolvidas por meio de enxertos culturais de outras religiões e povos no meio judaico tradicional.

Nesta linha de pensamento que insere a história e a geografia nos estudos bíblicos, temos como grande expoente Albert Schweitzer na sua clássica obra em Busca do Jesus Histórico, na qual mostra que os ensinamentos escatológicos de Jesus são enfatizados, em conjunto com a dissimilaridade de seu mundo de pensamento com o do autor, sendo o mesmo aplicado a autores anteriores ao advento do cristianismo. A ciência das religiões é geralmente entendida como não-

pela elaboração do denominado idealismo transcendental: todos nós trazemos formas e conceitos *a priori* (aqueles que não vêm da experiência) para a experiência concreta do mundo, os quais seriam de outra forma impossíveis de determinar. A filosofia da natureza e da natureza humana de Kant é historicamente uma das mais determinantes fontes do relativismo conceptual que dominou a vida intelectual do século XX. No entanto, é muito provável que Kant rejeitasse o relativismo nas formas contemporâneas, como por exemplo o Pós-modernismo. [Fonte http://pt.wikipedia.org/wiki/Immanuel_Kant].

²⁴ Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844- 1900) foi um filólogo e influente filósofo alemão do século XIX. A cultura ocidental e suas religiões assim como a moral judaico-cristã foram temas comuns em suas obras. Nietzsche, sem dúvida considera o Cristianismo e o Budismo como "as duas religiões da decadência", embora ele afirme haver uma grande diferença nessas duas concepções. O budismo para Nietzsche "é cem vezes mais realista que o cristianismo". Religiões que aspiram ao Nada, cujos valores dissolveram a mesquinhez histórica. [Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Nietzsche].

normativa, ou seja, ele tenta delinear fatos, sem julgá-los do ponto de vista cristão ou outro religioso.

A moderna ciência das religiões teve sua gênese no último quartel do séc. XIX numa tentativa de colocar a metodologia da religião comparativa e mitologia em uma base sistemática; utilizando para isso a história, antropologia, sociologia, a política e aquilo que atualmente chamamos de ciência geografia na sua pura análise cultural. Durante este período, várias cadeiras acadêmicas foram criadas neste assunto na Alemanha, Reino Unido, Suécia, Suíça e Estados Unidos. O primeiro grande evento deste novo campo do conhecimento que estava surgindo foi em Estocolmo (1897), e um similar com ênfase mais na história das religiões em Paris (1900). Posteriormente foi criada a Associação Internacional para a Ciências das Religiões.

Uma enorme gama de trabalhos nesta vertente foi produzida por estudiosos de diversos campos do conhecimento científico enfocando na religião e seus peculiaridades, várias ideologias como compilados sobre gnosticismo ou sobre a filosofia budista. A princípio, o cristianismo acaba partindo do mesmo ponto de vista, mas com trabalhos muito significativos também de maneira comparada e estrutural.

A Escola das Religiões Comparadas trouxe consigo muitos estudiosos que se debruçaram sobre o aspectos da fenomenologia²⁵ religiosa, dentre os mais significativos estão Rudolf Otto (1869-1937) que causou uma profunda marca no mundo acadêmico com a publicação de *Das Heilige* (1917), que delineou uma experiência central e sentimento como conceito de Santo.

O historiador alemão-americano das religiões Joachim Wach (1898-1955) formou e consolidou a *Religionswissenschaft* da Universidade de Chicago, umas das escolas mais tradicionais e intensas no estudo das religiões. A escola de Chicago focava em três aspectos primordiais da religião, na visão de Wach, o teórico (mental, ou seja, as idéias religiosas e imagens), a prática (comportamental), e institucional (social), e por causa de sua preocupação com o estudo da experiência religiosa, ele se interessou em sociologia da religião, tentando indicar como os valores religiosos

25 A fenomenologia da religião diz respeito à experiência de aspectos puramente religiosos, descrevendo fenômenos em termos compatíveis com a orientação dos fiéis. A fenomenologia vê a religião como sendo composta de diferentes componentes como: símbolos e idéias, e os estudos desses componentes são vistos como aspecto intrínseco as tradições religiosas, logo inerentes a vida usual daqueles que praticam determinada confissão de fé.

moldaram as instituições nos quais foram manifestados os fenômenos e a experiência religiosa.

Dentre os principais autores desta escola das religiões comparadas temos Mircea Eliade (1907-1986), estudioso romeno que imigrou para os Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial, teve uma grande influência, no estudo da religião por sobre as práticas xamânicas e sua tentativa de sintetizar dados a partir de uma grande variedade de culturas.

A síntese incorpora a teoria do mito e da história. Dois principais elementos nas idéias propostas por Eliade são, primeiro, que a distinção entre o sagrado e o profano é fundamental para o pensamento religioso e deve ser interpretado existencialmente (os símbolos da religião são, tipicamente, profanos na interpretação literal, mas são de importância cósmica quando vistos como sinais do sagrado), e, segundo, que a religião arcaica deve ser contrastada com a visão linear, histórica do mundo.

O último essencialmente vem da religião bíblica, o ponto de vista antigo tende a tratar o tempo de forma cíclica e miticamente, referindo-se a eventos fundamentais, tais como a criação, o começo da raça humana, e da queda do homem e sua pós-vida (o primordial sagrado tempo), que são reconstituídos nas repetições do ritual e na releitura dos mitos e sua reconstrução constante por meio da fé.

Neste contexto dos estudos sobre aspectos pontuais da religião, vê-se que elementos até então pouco observados passam a ser vistos sob a ótica de diversas religiões a fim de se constatar a origem de determinada idéia/ideologia, e como esta foi reapropriada e resignificada dentro de outra religião. Nesta vertente temos a percepção do além, local do mundo dos mortos e o pós-morte como idéias orientais que foram reapropriadas dentro do judaísmo, e resignificadas dentro do ótica religiosa judaico, e posteriormente também resignificadas dentro do cristianismo; passando a ter um valor extremamente significativo dentro da cultura Ocidental.

A religião é um dos grandes meios de transformação ideológica, mental e cultural de um determinado povo, sendo assim um grande elemento para se entender as mudanças espaciais, apropriações e resignificações de símbolos, mitos e ideias de outros povos, podendo ser, portanto, elemento-chave nos estudos de geógrafos culturais.

A geografia cultural forneceu um importante auxílio para compreensão da importância do estudo da religião como marco definidor de determinadas culturas, mostrando como estas variam de um lugar para outro e como explicam o funcionamento do homem no espaço.

Dentro da busca pelo entendimento dos aspectos culturais como formadores da noção de lugar e mediador das relações entre indivíduo e sociedade, Paul Claval²⁶ descreve na sua obra clássica a respeito da geografia cultural, abordando três aspectos que considera de suma importância, e que de fato auxilia na compreensão da religião como marco cultural; inicialmente um abordagem da história e da teoria da geografia cultura, buscando cobrir os principais períodos de evolução desta escola, e da diversas sensibilidades geradas no seio da geografia cultural, dentre estas temos a *new cultural geography*²⁷, que foram sintetizadas por pensadores alemães do séc XIX que começaram a destrinchar o cultural, e trabalhar sob diversas óticas, dentre elas a religião e seu poder modificador social.

O segundo vies trata acerca das relações da cultura e da vida social, isto é o homem como transmissor de cultura e modificador, trabalhando conceitos políticos como poder²⁸ e suas ramificações sociais como definidores de uma determinada cultura; conceitos como hegemonia e resistência passam a ser muito úteis para entender a dinâmica de determinados povos/culturas.

O último viés está na relação simbiótica entre cultura, meio e paisagem; as atitudes do indivíduos frente ao espaço geográfico, princípios de territorialidade humana, mostrando o uso da tecnologia e como esta também interfere no espaço. No final da obra e aquilo que mais chama a atenção para este trabalho monográfico diz respeito a uma geo-história das culturas remontando a tradição de Ferdinand Braudel²⁹; fazendo um compêndio de transformações culturais; apresentando uma

²⁶ Paul Claval, nascido em 1932 na França, considerado um dos maiores geógrafos da atualidade. Professor da Universidade de Paris-Sorbonne. Suas obras são referências mundiais no estudo da geografia e, particularmente no Brasil, contribuído para a discussão de cultura e a disseminação da compreensão das mais diversas formas de manifestação cultural.

²⁷ As idéias apregoadas pela *new cultural geography* dizem respeito à análise de microculturas, isto é, fragmentos que até então eram colocados em segundo plano no estudo da geografia cultural, porém importantes para a reflexão e compreensão do homem e seu fixação no espaço. O presente trabalho monográfico está inserido nesta análise, já que estuda um fragmento pontual de uma cultura "exclusivista" que permeia o ideário religioso judaico e cristão desde a antiguidade até os dias atuais.

²⁸ Marc Bloch em sua clássica obra intitulada *Reis Taumaturgos*, demonstra como o poder dos símbolos interfere no cotidiano nas pessoas; mostrando que no medievo as pessoas criam piamente no poder divino dos reis, inclusive clamando a estes por cura física de doenças, quando o rei tocava com o cetro real era um símbolo de que esta estava recebendo uma graça divina, e em alguns caso a crença era tamanha que as doenças de fato desapareciam. (BLOCH, 1993)

²⁹ Fernand Braudel (1902-1985) foi um historiador francês e um dos mais importantes representantes da chamada "*Escola dos Annales*". Aborda na suas obras temas políticos, em conformidade com as principais

teoria da evolução das civilizações baseada nas transições culturais, mostrando inúmeras transições culturais operadas ao longo da história, dentro desta ideia vemos os processos de Modernização e Ocidentalização.

A cultura passa a ser vista como um objeto de suma importância para o estudo da geografia, e essencial para entender os processos humanos de resistência/apropriação de outras culturas, e como os fenômenos culturais estão ligados intrinsecamente a percepção, mudança do território e da formação do espaço.

Outro importante nome que serviu de base para os estudos temáticos em geografia cultural é o filósofo Ernst Cassirer³⁰, considerado um dos mais importantes representantes da tradição neokantiana, desenvolveu uma filosofia da cultura utilizando uma teoria dos símbolos, baseada na fenomenologia do conhecimento.

Expandiu o campo da crítica kantiana a todas as formas da atividade humana. As categorias a partir das quais Kant pensa o fato científico, são para Cassirer um aspecto particular de formas simbólicas que revelam também o fato mítico, estético e social. Cassirer deixou como grande legado a transformação da *Crítica da Razão Pura* em uma crítica da cultura; isto é, a filosofia passa a ser decodificada ao linguajar coloquial, através de símbolos e valores humanos; nessa situação os valores culturais acabam por ganhar a primazia na análise do homem e do seu espaço.

Dentro deste escopo e da importância da cultura para entender o homem e o seu espaço a geografia começa a buscar entender as pequenas culturas, os pequenos eventos que alteram o cotidiano dos homens e interferem diretamente na produção do seu espaço. Dentre estas novas perspectivas de entendimento dos fenômenos culturais como mantenedores/modificadores do homem e do seu espaço surge a geografia da religião; que busca entender como os fenômenos religiosos tendem a interferir diretamente no cotidiano do homem e do seu espaço. A geografia

correntes historiográficas do período, como por exemplo, a escola metódica, entretanto, vai além nos seus estudos e utiliza a geografia fazendo um tratado histórico geográfico sobre o Mediterrâneo na época de Filipe II da Espanha - temos assim a Geo-história -, naquele que seria um dos estudos mais notáveis da coeva historiografia. (BRAUDEL, 1984)

³⁰ Ernst Cassirer (1874-1945) foi um filósofo judaico-alemão, que realizou estudos em direito, literatura e filosofia germânica nas universidades de Berlim, Leipzig e Heidelberg. Foi professor titular na recém-criada Universidade de Hamburgo, onde ensinou filosofia até 1933, acabou sendo forçado a deixar a Alemanha após a ascensão de Hitler ao poder, tornou-se professor na Universidade de Gotemburgo, na Suécia e, em 1941, na Universidade Yale e depois na Columbia University, nos Estados Unidos. Seus estudos sobre cultura são de suma importância para a fenomenologia do conhecimento.

da religião nasce na tentativa de entender como os fenômenos religiosos alteram a ordem e a vida dos homens; como veremos a influência direta da noção do mundo dos mortos, céu, inferno na cultura judaico-cristão.

Observa-se que na Geografia, temas transversais à religião e que buscavam entender reapropriações e resignificações culturais foram pouco explorados, comparado a outros temas culturais como globalização, mundo contemporâneo, política, comércio e gestão estratégica do território. Entretanto, existem algumas contribuições significativas no estudo geográfico das religiões em Paul Claval, Cassirer, Pierre Deffontaines e Maximilien Sorre.

O interesse de alguns geógrafos pela análise das religiões no espaço social ocorreu inicialmente no último quartel do séc. XIX tendo em vista a religião ser um fenômeno cultural de grande abrangência e o diálogo tecido entre as outras disciplinas do saber científico, entretanto, teve sua grande expansão a partir do final da segunda guerra mundial, na tentativa de conhecer e entender as práticas do nazismo de Adolph Hitler, tal tema foi trabalhado de maneira paralela à Geografia Tradicional e suas correntes derivadas. Destacam-se as contribuições de Pierre Deffontaines(1948) com a obra *Géographie et religions*, que investigou as relações entre as culturas e suas representações religiosas concretas no espaço (igrejas, festividades, cerimônias e cemitérios).

Um hiato de anos ficou entre as percepções de Deffontaines e novos trabalhos que tecessem o dialogo entre religião e seus símbolos. Nos anos 80, Claude Raffestin sugeriu uma abordagem política do fenômeno religioso, trabalhando as relações entre religião e poder na contemporaneidade.

O geógrafo M. Büttner traz sua contribuição, sugerindo algumas orientações para o estudo da religião, das quais se pode destacar dois importantes elementos: o trabalho de estudo da geografia da religião deve começar na investigação da comunidade religiosa, buscando identificar sua estrutura espacial e ocupacional e a dinâmica social presente; posteriormente, deve se apropriar da dialética da relação entre religião e ambiente; por um lado, considerando as influências que a religião exerce sobre as pessoas (costumes, imaginário e atitudes), por outro lado, verificando os fatores externos que promovem mudanças na religião investigada.

Logo, necessita-se compreender e explicar as transformações do mundo e da cultura, a partir da Geografia, sendo assim o espaço das religiões, torna-se indispensável nesse processo de conscientização e entendimento do ser humano e

do seu "lócus", uma vez que a religiosidade e as religiões são elementos integrantes do espaço geográfico.

Neste sentido, entendendo que o espaço da religião é parte integrante da totalidade do espaço geográfico, visto que o fenômeno religioso tem dimensão geográfica, e envolve, em sua dinâmica, categorias geográficas (tais como população, cultura e território), trabalhar-se-á no próximo capítulo as especificidades da cultura judaica, e como esta apropriou de idéias tipicamente Orientais na criação de "espaços" distintos para o mundo dos mortos³¹, isto é, locais específicos destinados aqueles que servem ao Deus judaico e permanecem com sua fé intacta, e aqueles que não servem ao Deus dos judeus e não se mantêm puros.

³¹ A espacialidade do mundo dos mortos não é homogênea, tendo em vista que o pós-morte será glorioso para aqueles que se mantêm firmes na fé e na crença do Deus único e de total perdição para aqueles que não vivem de acordo com o preceitos divinos. Tem-se em Dn 12.2 uma clara demonstração de como será o porvir e os diferentes espaços formados pelos crentes e os incrédulos.

2. A Geografia do Além: o local do mundo dos mortos na cultura judaico-cristã

As representações, os símbolos e a escrita refletem o modo como o povo, a sociedade ou o indivíduo pensam sobre determinado tema. Neste capítulo será trabalhado a reapropriação cultural judaica de idéias tipicamente Orientais, pagãs, e como tais idéias foram resignificadas pela religião judaica e formulada uma doutrina que se consolidou ao longo dos séculos e foi repassada a religião de Jesus, formando um dos pilares centrais a fé cristã que é a existência de uma realidade transcendental a vida humana, isto é aquilo que se passa aqui na terra. Existe um porvir; uma realidade exterior, e que criou diferentes "espacialidades" e realidades conforme as obras realizadas em vida terrena e material.

A literatura judaica, pós-exílio é rica em trabalhar com as idéias do mundo dos mortos que vai além da sepultura, além do fim da vida física terrena, entretanto, antes de se adentrar naquilo que diz respeito estritamente à literatura judaica sobre o tema, serão abordadas literaturas orientais anteriores à redação dos livros finais do cânon do AT que tratam acerca de um lugar estritamente para o mundo dos mortos ou um submundo na qual fica a alma repousando onde será julgada pelas suas obras.

Num paralelo comparativo entre judaísmo e suas apropriações indo-europeias e até semíticas passa-se a ser estudada e refletida para se ter uma ideia de como se formou a espacialidade do além, e como a idéia do mundo dos mortos ganhou força no judaísmo, e posteriormente reapropriada e transformada como um dos pilares do cristianismo através das mensagens de Jesus e de Paulo de Tarso.

Cabe inicialmente vermos como ideias tipicamente "pagãs" são apropriadas e inseridas dentro do judaísmo. Focando na análise da cultura judaica e suas possíveis influências externas, observa-se que o judaísmo é pautado no pensamento da idealização divina; isto é, uma nação escolhida pelo Altíssimo e que deve obediência a este soberano.

O mito da criação do mundo e do homem expresso na narrativa de Gênesis mostra o mundo como fruto da criação deste ser Todo-Poderoso, o qual cria o Universo e tudo o que nele existe. O Deus dos judeus cria todas as coisas e dedica carinho especial a todas elas, entretanto quando cria o homem no sexto dia

expressa um carinho incomparável, sendo o homem expresso como imagem e semelhança do seu próprio Deus:

Gn 1.26: Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos segundo sua espécie e todos os répteis que rastejam sobre a terra.

Observa-se que num paralelo com a Epopéia de Gilgamesh³², vê-se algo bastante parecido com o texto canônico

A deusa então concebeu em sua mente uma imagem cuja essência era a mesma de Anu, o deus do firmamento. Ela mergulhou as mãos na água e tomou um pedaço de barro; ela o deixou cair na selva, e assim foi criado o nobre Enkidu. (SANDARS, 1992, p. 24)³³.

O processo de criação tem grandes semelhanças em ambas narrativas, do ponto de vista histórico, vê-se que parece existir uma ponte que liga a Epopéia de Gilgamesh e o texto de Gn 6:5-8; outra clara semelhança entre os textos encontra-se na estória do dilúvio narrada em Gn 6, neste episódio ainda parece haver um empréstimo dos mitos de combate, entre os deuses e a figura do mar e das águas como retrato do caos da humanidade, observa-se a passagem do Gn 6:5-8 a seguir transcrita:

Gn 6:5-8: Iahweh viu que a maldade do homem era grande sobre a terra, e que era continuamente mau todo desígnio de seu coração. Iahweh arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra e afligiu-se o seu coração. E disse Iahweh: Farei desaparecer da superfície do solo os homens que criei – e como os homens os animais, os répteis e as aves do céu – porque me arrependo de tê-los feito.

Naqueles dias a terra fervilhava, os homens multiplicavam-se e o mundo bramava como um touro selvagem. Este tumulto despertou o grande deus. Enlil ouviu o alvoroço e disse aos deuses reunidos em conselho: O alvoroço dos humanos é intolerável, e o sono já não é mais possível por causa da balbúrdia. Os deuses então concordaram em exterminar a raça humana.

Há muito existia a cidade Shurupak, sobre o Eufrates, quando os deuses resolveram submergir a terra por meio de um dilúvio. Ea³⁴, que assistia no conselho dos deuses, advertiu Um-napisti³⁵; aproximou-se da sua cabana feita de ramos e de lodo seco e diz à meia voz: 'Muro, muro, escuta! O Homem de Shurupak, constrói um barco, abandona tuas riquezas para salvar tua vida; faze com que a semente de vida suba num barco de dimensões calculadas'. Ea dá as medidas do barco, mas, antes de se pôr a

³² A *Epopéia de Gilgamesh* é a história de um rei sumério da cidade-estado de *Uruk* que teria vivido no século XXVIII a.C. Seu registro mais completo provém de uma tábua de argila escrita em língua Acádia do século VIII a.C. pertencente ao rei Assurbanipal, tendo sido no entanto, encontradas tábuas com inscrições que datam do século XX a.C., sendo assim o mais antigo texto literário conhecido. A primeira tradução moderna foi realizada na década de 1860 pelo estudioso inglês George Smith.

³³ Tradução que analisa o texto antecede a escrita do Gênesis, mostrando elementos constitutivos bastante semelhantes do livro canônico.

³⁴ Deusa dos abismos que se preocupa com a continuidade do homem na face da Terra. Lembrando que os mares foram formados pelo combate e pelos corpos de monstros, logo a idéia do dilúvio mostra a superioridade divina frente ao homem.

³⁵ Figura do homem pré-diluviano na narrativa do *Enuma Elish*.

trabalho, Um-napisti pergunta ao deus: Que direi aos que me interrogarem sobre o trabalho que pretendo fazer? A resposta que deverá dar é que Enlil³⁶ está zangado com ele e irá, então, habitar os domínios de Ea; dividida em compartimentos, a barca está em condições de navegar; celebra-se uma festa para recompensar os trabalhadores; depois Um-napisti põe na barca sua família e seus bens. E logo começa a chover; relâmpagos, trovões e chuva torrencial; as nuvens escurecem tudo; então, nos céus, os deuses atemorizam-se com o dilúvio, fogem, sobem ao céu de Anu; agacharam-se como cães temerosos, deitaram-se no solo. A deusa grita como mulher grávida: Que se transforme em lama aquele dia no qual proferi más palavras na Assembléia dos deuses!... Por que decretei a perda de minha gente? Criei-os para que como pequeninos peixes encham o mar? Seis dias e seis noites o vento soprou e o furacão desencadeado roncou sem cessar; quando ele se calou³⁷.

Observa-se que nas narrativas a figura humana e das águas são elementos essenciais para entender a fúria divina contra o homem, o mar que é retratado sempre como um lugar instável na apocalíptica, passa a ter uma nova função que é de subjugar aqueles que desobedecem à vontade de sua divindade, tendo em vista que na ótica babilônica e assíria o mar é um prolongamento do corpo divino da deusa Tiamat que foi aniquilada na batalha dos deuses, sendo suas lágrimas formadoras dos rios e mares, e seu corpo a terra. O julgamento divino reflete um aspecto importante no entendimento dos mitos religiosos, a instabilidade da humanidade é retratada da mesma forma que a instabilidade do mar na apocalíptica, sendo esta expressa no desfecho escatológico.

Estes são apenas alguns breves exemplos das semelhanças entre uma importante estória narrada no Gênesis e textos de origem mesopotâmica, isto nos remete a pensar numa fonte de existência comum para esses mitos, ou mesmo algum destes pode ter servido de base para a redação final do outro³⁸.

No contexto apocalíptico esta constante reapropriação de idéias e do imaginário de um determinado povo é ainda mais intensa, tendo em vista que a apocalíptica tentará dotar de sentido a história humana, atribuindo o começo, o auge

³⁶ Deus do ar que desencadeia o dilúvio, visto que o “alvorço” dos homens estava perturbando o sono sagrado da divindade. Diante do exposto, Elil convoca uma assembléia dos deuses a fim de decretar a extinção da humanidade, com seu discurso ele convence os deuses a acabar com a humanidade, até Anu o criador de todas as coisas passa a entender que a permanência do homem não é mais benéfica para o equilíbrio cósmico do Universo.

³⁷ Segundo a tradição, a primeira versão do mito do dilúvio foi fundamentada na tradição babilônica, associada às grandes inundações do Eufrates. Tal como na Bíblia, o mito se refere a um herói que construiu uma arca e abrigou nela os membros da sua família e um casal de cada espécie animal. Vê-se que ambas narrativas mesmo diante da fúria dos deuses/deus com a humanidade pelos seus atos abomináveis, a divindade acaba por preservar uma família e um animal de cada espécie. Mito descrito no livro chamado: *Enuma Elish, Tábua 3, coluna 3*, tendo sua datação posta em dúvida, mas provavelmente situa-se entre o séc.XVIII e séc. XV a.C.

³⁸ Difícilmente se chegará a uma conclusão final sobre a temática discorrida, mas podemos observar as semelhanças estruturais intensas entre as obras, e verificar que de fato os mitos, lendas e sagas acabam sendo transmitidos entre os povos, e conforme determinada nação são reapropriados e resignificados na forma dos dogmas e aspectos religiosos de determinado povo.

da existência, e seu suposto fim, que em outros termos seria o fim da história humana na face da Terra; sendo assim é provável o autor se apropriar de uma idéia estranha ao seu povo e moldá-la a um determinado contexto específico, mostrando que a vontade de sua divindade é atemporal, e reflete-se em todas as demais nações.

Os autores apocalípticos acabam sendo mestres na atribuição de um novo significado a uma estória pré-existente, basta analisá-los dentro do seu determinado contexto, por exemplo, os autores judeus que ao logo do tempo vão inserindo ou modificando idéias que pareciam ser definitivas, ou pareciam ser “obscuras” a respeito de determinado tema; vê-se que o judaísmo antigo parecia crer numa espécie de politeísmo velado³⁹, e posteriormente se adéqua ao monoteísmo, como é conhecido até os dias atuais.

Temas que anteriormente não eram visitados pelos autores judaicos, passam a ganhar uma grande importância no novo contexto sócio-político da Judéia, que estava sob o domínio do governante selêucida Antioco IV Epífanes, que a governou de 175 a 163 a.C. Seu governo foi marcado por uma das maiores rebeliões da história judaica, conhecida como Revolta dos Macabeus. A principal causa dessa revolta foi a proibição do culto ao Deus dos judeus e sua eventual substituição por divindades gregas, com a profanação do Templo de Jerusalém. Logo, se observa que existem determinados valores que o visionário nos quer transmitir, entre os quais: a necessidade da nação de Israel se arrepender de seus pecados e se aproximar de Deus, de não se “contaminar” com valores helenísticos. Em suma, tentar manter um tipo de “isolamento” cultural, rechaçando a ideia de um deus governante dos judeus na cultura pagã helenística.

Neste contexto, o uso de noções tipicamente Orientais refletem uma forma de resistência cultural do judaísmo monoteísta à cultura pagã dominante. Dentre tais ideias de origem oriental está o foco deste trabalho que são as noções de alma, ressurreição, julgamento dos mortos e a idéia de um desfecho final da humanidade. Elas parecem ser claramente reapropriadas pelo judaísmo ao longo de sua evolução

³⁹ Observa-se que nos primórdios do judaísmo o uso da expressão “deuses” era usual, basta analisar uma das expressões mais antigas que designam o nome do Deus judeu em hebraico é utilizada no plural, “*Elohim*”, ao invés do uso no singular “*Eloah*”. Textos como Gn 1:26 e Sl 8:6, mostram que esta idéia foi uma das que foram reformadas com o progresso da civilização hebraica, sendo totalmente extinta somente com o retorno do cativo babilônico por parte do remanescente de Judá.

como religião, e de intercâmbios com religiões orientais antigas; destas, ressaltamos, principalmente, a religião zoroastra.

Adentrando num debate de importante relevância para este trabalho monográfico, vê-se que o tema das quatro idades do mundo⁴⁰ (sendo este *mitema* o ponto de origem para o entendimento do desfecho escatológico e a criação das "especialidades" do mundo dos mortos e do além judaico), apropriação e a resignificação têm sido alvo de constantes debates nas últimas décadas. Como defensores da tese da origem indo-iraniana, encontramos historiadores das religiões e teólogos como: Mary Boyce (1984), Norman Cohn (2001), John Collins (1979) e Geo Windegren. Do lado oposto, que defende a ideia da precedência do mito ocidental baseado no mito hesiódico como primeira fonte datável que apresenta o *mitema*, temos: Philippe Gignoux (1998) e Jacques Duchesne-Guillemi (1979); este utiliza como argumento para o mito o fato de terem sido espalhadas do Ocidente para o Oriente as rotas comerciais utilizadas pelos mercadores do ferro, visando comercializar no Oriente um produto novo⁴¹.

O conceito de alma no início da história hebraica não existe, visto que o Pentateuco não trás nenhuma referência explícita sobre o assunto. A expressão "sopro de vida" utilizada em Gn 2:7 do hebraico "*ru'ah*"⁴² tem uma idéia de trazer existência a vida, e alguns traduzem como um espécie de inserção de uma alma e de um espírito no homem, entretanto, tal idéia carece de maiores referências, tendo em vista que a expressão é utilizada tanto para homens quanto para os animais, e de certa forma parece não existir mais alusão à temática até a confecção dos livros sapienciais⁴³, onde começa a ser dotada de um sentido mais amplo, porém, ainda falha no que tange a uma essência imaterial que transcende a vida terrena. Esta idéia será desenvolvida e dotada de complexidade a partir dos profetas, e

⁴⁰ O mito das quatro idades do mundo constitui uma matriz importante para reflexão do pensamento, na medida em que o mito, por sua persuasão na Antiguidade, e por expressar uma espécie de periodização da história humana, pode ser o ponto inicial para a reflexão de todas as "filosofias da história" embasadas na reflexão teológica, sendo todas incluídas num mesmo escopo chamado: "teologia da história".

⁴¹ A tese proposta por Jacques Duschene Guillemim parece carecer de uma melhor explicação teórica, tendo em vista que se todo mito for transmitido através de mercadores, provavelmente teríamos uma preponderância dos mitos holandeses e italianos no nosso tempo. Outro fator que nos leva a refutar essa tese é que nos textos o ferro está sempre associado ao pior das monarquias, o que dificilmente faria do ferro um produto vantajoso comercialmente se o mito dos metais tivesse seguindo essa determinada rota.

⁴² Observa-se que esta palavra aparece também com o sentido de ventos, vivificantes, e na visão de Ez 1 está associada ao aparecimento dos quatro ventos, podendo ser relacionada com o ambiente de Dn 7.

⁴³ O autor de Eclesiastes visita este tema, porém ainda carece de desenvolver na sua complexidade, tendo em vista que noções complementares à alma estavam em franco desenvolvimento no judaísmo (Ec 3:16-22).

principalmente do autor de Dn⁴⁴ que devido sua datação tardia se faz valer da interação zoroastra⁴⁵ entre alma e o destino final da humanidade, fazendo valer de uma espécie de existência eterna do homem no que tange a esta parte imaterial⁴⁶, que será julgada conforme as obras feitas em terra.

Ambas as existências ao longo do contexto do zoroastrismo são entendidas como a existência corpórea e a existência espiritual eterna

Y.28.2 Quero aproximá-lo, Senhor Sábio, com o bom pensamento, para possa dar-me as bênçãos de ambas as vidas, do corpóreo e daquela do pensamento, com base na verdade, pela qual pode estabelecer amigos de alguém à vontade.

A noção do estado intermediário dos mortos também vai progredindo juntamente com a evolução do pensamento judaico. Vê-se que inicialmente o local de habitação dos mortos, isto é, a sua espacialidade, era a sepultura⁴⁷ onde residia a matéria física, e a partir da morte cessava a existência do ser humano em todos os sentidos. A *Torah* apresentava *Sheol* como sinônimo de sepultura, visto que não fazia nenhuma referência a um pós-vida de qualquer tipo, bom ou ruim. A existência humana se encerrava na sepultura, no entanto, conforme foram se dando os contatos com as culturas iraniana e indiana este pensamento vai evoluindo e progredindo conforme as crenças orientais, e a partir dos livros proféticos o *Sheol* passa a ser visto como o lugar onde reside os fragmentos psíquicos humanos, que flutuam de um lado a outro como fantasmas sem consciência, observa-se que algo alterou para que o judaísmo pudesse trazer uma noção de recompensa aqueles que são fieis e de punição para aqueles que não perseveraram na fé. Atualmente o termo *Sheol* apresenta o significado de inferno, tendo em vista o constante uso da palavra grega *Hades* e *Geena* no N.T⁴⁸ por Jesus e seus discípulos.

⁴⁴ A idéia do julgamento e do destino eterno do homem, isto é o ser humano é dotado de uma substância imaterial eterna, que é chamada de alma ou espírito, dependendo da tradução adotada.

⁴⁵ Os adeptos do zoroastrismo aparentemente foram os primeiros que formularam uma interação entre alma e corpo, a partir dos conceitos básicos da sua religião, sendo incorporado pelos judeus depois dos contatos entre as culturas a partir do séc VII a.C. O Avesta, língua na qual a maior parte dos documentos que relatam a religião zoroastra é de fundamental importância para o estudo das religiões e mitologias comparadas. Idéias escatológicas são primeiramente desenvolvidas com clareza e concisão no zoroastrismo e depois incorporadas de forma confusa no judaísmo.

⁴⁶ Platão acredita que o homem é dotado de uma essência imaterial chamada de alma, e segundo o mesmo essa essência imaterial é imortal e transmigra para outro ser humano, após a morte da matéria física. Esta doutrina recebe o nome de metempsicose, e hoje é conhecida no meio religioso como a reencarnação.

⁴⁷ Algumas referências que mostram o *Sheol* como sendo sinônimo de sepultura (Sl 88:10-12 e Ec 9:5-10). O mesmo significado é apresentado na morte dos patriarcas Abraão, Isaque, Jacó e do profeta Moisés.

⁴⁸ Nos evangelhos a noção de *Sheol* acabou evoluindo para o *Hades* grego, e parece melhor representada no texto de Lc 16, na qual o autor busca fazer uma descrição do submundo mostrando os compartimentos no qual estava dividido, o inferno, aonde os ímpios já estavam sofrendo, e o seio de Abraão, local onde estavam o remanescente fiel desde Abel até os dias de Jesus Cristo.

Pv 30:15-16: A sanguessuga tem duas filhas: 'Traz, traz!' Três coisas são insaciáveis, e uma quarta jamais diz: 'Basta!'. O Sheol, o ventre estéril, a terra que não se farta de água e o fogo que não diz: 'Basta!'

Observa-se que já na literatura sapiencial a idéia de *Sheol* como sendo apenas o local de sepultura ainda se fazia presente.

No zoroastrismo já há uma idéia desenvolvida de punição dos ímpios e uma espécie de premiação daqueles que fossem justos na sua existência, observa-se que o zoroastrismo é a primeira religião monoteísta a expressar uma idéia de livre arbítrio humano. Na religião zoroastra quando o homem morre sua alma se separa do corpo, e começa a ser preparada para atravessar a ponte *Cinwad*⁴⁹ no quarto dia após a morte, na chegada a ponte a alma é confrontada com sua própria concepção e crenças desenvolvidas ao longo de sua vida; observa-se o texto que mostra uma espécie de destino humano traçado pelas suas decisões:

Y. 48:4 Ele que faz o seu pensamento melhor ou pior (conforme afeta) a sua crença pela sua ação e palavra.

O homem segue as suas idéias, doutrinas e convicções.

Sendo, obviamente, responsável pelas suas escolhas e passível de glórias ou de perdas.

Y. 49:11 Com a má comida, as almas vêm para encontrar os enganosos de má regra, mau feito, má palavra, má crença, mal pensamento. Eles estarão ajustando hóspedes na Casa do Engano.

Haverá sofrimento aqueles que foram ímpios na sua existência, sendo condenados ao sofrimento eterno, isto é, o inferno. Observa-se que desde os primórdios de sua existência a religião zoroastra acreditava na existência de um porvir, além da sepultura, aonde o homem iria "usufruir" daquilo que fez na sua vida terrena.

Aqueles que são justos e passam a ponte ficam na "Casa do Bom Pensamento", esperando suas almas a ressurreição dos seus respectivos corpos para desfrutarem eternamente da bondade e compaixão de Ahura Mazda.

Y. 71:16 Terá o destino como o verídico, O verídico, aprovado, você encherá ou aborrecerá a sua alma por cima da ponte, e venha à melhor vida, recitar o Hino dos Gathas, apelo a felicidade.

Observa-se que uma idéia de julgamento e destino final do homem após a sua morte no judaísmo, só passa a ser dotado de sentido de "retribuição" daquilo que o homem produziu, ou deixou de produzir em vida, no livro de Dn, onde se pode

⁴⁹ Local que segundo os adeptos do zoroastrismo, ocorre o julgamento das atitudes, atividades e idéias desenvolvidas pelos homens em sua vida material, os justos atravessam a ponte facilmente, já os ímpios parecem estremecer diante do poder do criador e acaba por cair da ponte rumo ao abismo, isto é a Casa do Engano.

analisar que o homem será julgado, conforme as suas obras e suas escolhas individuais, isto é, aparece apenas em meados do séc.II a.C, enquanto no Oriente⁵⁰ já está presente no mínimo desde o séc. V a.C.

Dn 12:2 E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna, e outros para o opróbrio, para o horror eterno. Os que serão esclarecidos resplandecerão, como o resplendor do firmamento; e os que ensinam a muitos a justiça serão como as estrelas, por toda a eternidade

Observa-se que o cerne das idéias de mundo dos mortos, alma e porvir tem sua origem no mundo Oriental, uma idéia que é apresentada com freqüência na seção apocalíptica do livro de Dn aparece no mundo persa, que é de um mundo incorruptível destinado aqueles que perseveraram na fé e são justos, neste mundo não entrará nenhum engano, e aquele que faz os homens pecarem será finalmente aniquilado.

Yt.19.90 o mundo (material) da Verdade será incorruptível da geração à geração. O engano será banido ao lugar de onde ele tinha vindo destruir o que é verídico, ele mesmo, a sua família e existência. O vilão será terrificado e desaparecerá.

Apresenta-se uma pequena tabela ao leitor, mostrando temas que parecem ser frutos de apropriações judaicas de idéias orientais, especificadamente do mundo persa e do zoroastrismo.

Idéias	Zoroastrismo	Judaísmo
Chegada do Redentor	Yt 19.89-92 (Astvatereta)	Is 27:1 (Yahweh)
Ressurreição	Yt 19.89, 94	Is 26:19
Julgamento Final	Yt 19.94	Is 26:20-21
Derrota na Batalha Final	Yt 19.92-93, 95-96	Is 27:1
Nova Vida em Felicidade	Yt 19.96	Is 27:2-6

Observa-se que o judaísmo reapropria as ideias de mundo dos mortos e porvir do mundo indiano e iraniano, e resignifica ao seu contexto histórico, isto é, cria um espaço destinado aos salvos e perdidos, tendo em vista o contexto sócio-político da Judéia do séc. II a.C, logo nada mais natural que lançar mão de uma ideia que geraria uma expectativa de melhoria futura, caso a existência terrena tivesse sido pautada no desconforto e no sofrimento mesmo servindo a divindade judaica, e ao menos tempo o sofrimento eterno seria o castigo as nações ímpias que não crêem

⁵⁰ Não é consenso entre os cientistas da religião que as idéias de alma, ressurreição e destino final da humanidade tiveram sua origem no mundo Oriental, e depois foram incorporadas e reestruturadas dentro do judaísmo, entretanto, acredita-se diante das diversas evidências do pouco que nos restou das fontes Orientais abordando de forma intensa o assunto, enquanto muito que temos do mundo judaico abordando pouco sobre o assunto, sendo que até o período de redação do livro de Dn e 1Enoque, quase não temos referência sobre temáticas tão essenciais para o judaísmo como apresentado pelo autor de Dn.

no Deus dos Judeus, e também daqueles que mesmo sendo judeus não guardam sua palavra e se "contamina" com o *background* cultural helenístico.

O hibridismo cultural provocado pelo helenismo fez com que o ideário de unificação cultural atingisse também a esfera religiosa, sendo causa direta da Revolta dos Macabeus retratada nos livros 1 e 2Mc; entretanto, vale ressaltar que existiam judeus que viam na cultura helenística uma forma de unificar o povo e de fazer com que os judeus passassem a ser conhecidos por todo o mundo, dentre estes destaca-se a figura de Jasão, personagem descrito no livro dos Macabeus como um dos responsáveis pela tentativa de helenização da Judeia no séc.II a.C.

O judaísmo se serve da literatura oriental para mudar suas concepções e criar novos locais para habitação da essência imaterial após a morte terrena; analisa-se que somente após os intercâmbios culturais provenientes do processo de helenização a vida após a morte passa a ser incorporada ao cotidiano judaico e inclusa de maneira direta e sistemática em sua literatura.

Além do livro de Dn, os livros chamados pseudoepígrafos⁵¹ escritos neste período também refletem bastante do ideia de vida após a morte, e de um espaço de exultação e de glória aos salvos, e um espaço de tristeza, agonia e sofrimento eterno aos perdidos. Livro de Enoque considerado um apocalipse de viagem ao além⁵², mostra o suposto "Enoque" que segundo a tradição judaica foi arrebatado e não conheceu a morte, neste livro ele é mostrando como aquele que percorre os céus e através dos anjos conhece a maldade dos homens e a bondade soberana do Altíssimo o livro da Ascensão de Elias também mostra os segredos do além sendo revelados ao profeta de Israel que foi arrebatado num redemoinho com carros de fogo.

Observa-se que dois grandes personagens do AT, e que depois foram escritos livros pseudoepígrafos em seu nome são relatados como não tendo enfrentando a morte⁵³, e Moisés que morreu, porém a *Torah* menciona que o próprio

⁵¹ A pseudoepigrafia era um fenômeno comum nos escritos antigos, tendo em vista que a autoria de determinado escrito era muito importante na cultura grega; sendo assim, atribuir esta a personagens de grande impacto cultural faziam com que os escritos fossem consumidos com maior intensidade.

⁵² Collins configura dois tipos de apocalipses em seus estudos; os apocalipses históricos que tem por base a influência divina na temporalidade humana, isto é no tempo e nos reinos humanos, e os apocalipses de viagem ao além que seria o homem sendo levado a conhecer as habitações e moradas celestiais e aprender sua pequenez através da grandeza do Altíssimo, as viagens ao além fazem o homem conhecer a espacialidade divina e seus desígnios.

⁵³ Na tradição judaica Enoque e Elias não enfrentaram a morte, conforme relata os textos bíblicos de Gn 5:24; II Rs 2:11, sendo pontos chave na configuração dos apocalipses de viagem ao além.

Deus Altíssimo escondeu o seu corpo⁵⁴. Observa-se que configura um espaço daqueles que são próximos do Deus dos Judeus, e este os recompensará no pós-vida pelos seus feitos e suas ações terrena, em contrapartida um lugar de punição e sofrimento as nações ímpias⁵⁵ que cometem transgressões contra os judeus e suas divindades, e aos próprios judeus que não se guardam da contaminação das nações pagãs, isto é, se renderam ao processo de unificação cultural impetrado por Antioco IV, Epifanes na Judeia do séc. II a.C..

Logo, observa-se que no AT a concepção de um espaço do mundo dos mortos vai evoluindo conforme acontece os contatos culturais entre judeus e as nações vizinhas – o que até então parecia inconcebível a um judaísmo fechado ganha contornos de algo extremamente necessário e positivo, tendo em vista a situação extrema vivida pelos judeus no contexto da guerra dos Macabeus. Sendo assim, nada mais comum que configurar duas espacialidades distintas aos mortos; a primeira seria vinculada aos judeus puros e imaculados que guardaram os preceitos da lei e não se contaminaram com o helenismo (para estes estava reservada a ressurreição para glória, isto é, o paraíso); enquanto para as nações ímpias e os judeus helenizados que não guardaram os preceitos da lei estava reservada a ressurreição para vergonha eterna, isto é o inferno.

O cristianismo ao fazer uma releitura do contexto judaico e das sagradas escrituras acaba por reapropriar este tema e torná-lo imprescindível à teologia cristã, principalmente a pregada por Paulo de Tarso após a morte de Jesus Cristo; o temas relacionados à ressurreição, céu, inferno e estado intermediário dos mortos passam a ser o cerne da pregação para mostrar um Cristo que garantiu a salvação tanto de gregos como judeus para um porvir glorioso.

Paulo foi o grande nome do cristianismo; pregador eloqüente, fluente em quatro línguas, participante do grupo dos fariseus antes da sua conversão; fez o cristianismo ser propagado por quase todo o mundo Antigo fundando templos em locais estratégicos como Êfeso, Antioquia e Filipos; nos seus mais de 10 anos de ministério fez com que o cristianismo fosse conhecido e, por sua pregação, fosse de âmbito universal, e não somente uma derivação exclusivista dos judeus. Desta

⁵⁴ Segundo Dt 34:4-5; mostra que próprio Deus guardou o corpo de Moises, o libertador, e simplesmente ninguém mais o encontrou segundo o relato bíblico.

⁵⁵ Os profetas do AT em especial o segundo Isaias faz uma clara alusão as maldições que Deus atribuía as nações ímpias; que de alguma forma prejudicavam a nação de Israel; o próprio Deus do AT se mostra um Deus exclusivista e que se fecha em torno de sua propriedade que são os judeus.

conjectura entendesse a necessidade da valorização dos aspectos morais e de uma religião universal que aceitaria tantos judeus quanto gentios, sendo reservado obviamente aqueles que negligenciaram as pregações e não aceitaram a doutrina de Jesus Cristo e dos seus discípulos um local de sofrimento que incluía governantes e reis romanos que eram moralmente perversos e não aceitavam a mensagem do Evangelho. Enquanto os cristãos perseguidos pelo Império Romano e condenados à morte garantiam a salvação, isto é, o céu como recompensa à perseguição naquele momento.

Vale observar que as noções de céu, inferno e mundo dos mortos tanto no cristianismo quanto no judaísmo mantiveram o cerne de resistência cultural e combustível quanto à luta política de manutenção dos valores e costumes religiosos (no caso dos judeus), e da pregação de uma nova religião que vinha de encontro aos valores propostos pelo Império Romano (no caso dos cristãos).

O Jesus na visão descrita pelos evangelistas⁵⁶ já demonstra a ênfase do cristianismo na salvação dos perdidos, e tal processo necessita de uma garantia que vai além desta vida aos pobres e moribundos que careciam da salvação divina tendo em vista que Jesus não veio com a missão de ser um libertador político⁵⁷ como previa os judeus.

O evangelista Mateus mostra como uma das primeiras referências a morte no NT quando um dos discípulos pede para enterrar seu pai antes de seguir a Jesus, e Jesus responde: Segue-me e deixa os mortos sepultar os seus mortos⁵⁸. Nesta passagem Jesus está fazendo alusão aos mortos fisicamente sendo enterrados pelos mortos espirituais, isto é, aqueles que estão distanciados de Deus. Observa-se que o cristianismo já começa a introduzir o tema colocando um outro tipo de morte que é chamada de morte espiritual, traduzida como o distanciamento de Deus; mesmo o corpo físico estando ainda vivo.

No trecho de Mt 25:41-46; o próprio Jesus faz uma releitura do texto de Dn 12:2; quando contrapõe a vida eterna, que será dada aos justos, ao tormento eterno que será dado àqueles que desprezam os pequeninos; observa-se que se cria uma

⁵⁶ Os evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) demonstram um Cristo bastante humanizado que tinha como principal objetivo perdoar as falhas dos homens e aproximá-los de Deus, enquanto João difere no que tange a demonstração de um Jesus também como Deus e como aquele que se esvaziou da sua glória para vir a terra e cumprir sua missão.

⁵⁷ Segundo a tradição rabinica, o Messias seria tanto um libertador religioso, quanto um libertador político; isto é, na época, Jesus, na concepção judaica, deveria ter livrado os judeus do jugo do Império Romano.

⁵⁸ Referência de Mt 8:22 mostrando como se deve seguir a Jesus e introduzindo uma nova abordagem da morte; o tipo de morte espiritual e distanciamento de Deus.

nova espacialidade ao lugar da condenação dos ímpios que será o mesmo lugar preparado para o diabo, sendo chamado de “lago de fogo”. A palavra grega que é utilizada neste texto pelo redator é *Geena*; melhor traduzido como “abismo de fogo”; tendo em vista a ideia de haver somente sofrimento, dor e angústia.

Observa-se que o próprio Jesus em várias parábolas e ensinamentos sempre retrata a ideia de que os justos serão salvos e herdarão o Reino dos Céus, enquanto os perversos serão destinados ao castigo eterno; fazendo alusão ao monte Hinom que era destinado a queimar o lixo da sociedade, sendo figura ilustrativa utilizada pelo próprio Jesus do local destinado aos perdidos.

Vale ressaltar que as pregações do próprio Cristo sempre traziam lições relativas ao lugar de recompensa dos fieis e de castigos dos perversos. Os evangelistas descrevem com tamanha precisão que retratam o grau de sofrimento vivenciado pelos perdidos no chamado "lago de fogo", falando que é um local em que há choro e ranger de dentes⁵⁹.

Entretanto, o texto mais claro ao longo dos evangelistas que vai literalmente delimitar um local destinado aos salvos e outro aos perdidos encontra-se em Lc 16:19-31, a chamada história do Rico e Lázaro, a seguir transcrita:

Lc 16:19-31: Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteava com requinte. Um pobre, chamado Lázaro, jazia à sua porta, coberto de úlceras. Desejava saciar-se do que caía da mesa do rico [...] E até os cães vinham lambê-lhes as úlceras. Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão⁶⁰. Morreu também o rico e foi sepultado.

Na mansão dos mortos, em meio a tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio. Então exclamou: Pai Abraão, tem piedade de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescar a língua, pois estou atormentado nesta chama. Abraão respondeu: Filho lembra-te de que recebeste teus bens durante tua vida, e Lázaro por sua vez os males; agora, porém, ele encontra aqui consolo e tu és atormentado. E além do mais, entre nós e vós existe um grande abismo, a fim de que aqueles que quiserem passar daqui para junto de vós não o possam, nem tampouco atravessem de lá até nós.

Ele replicou: Pai, eu te suplico, envia então Lázaro até a casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos: que leve a eles seu testemunho, para que não venham eles também para este lugar de tormento.

Abraão, porém, respondeu: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos. Disse ele: Não, pai Abraão, mas se alguém dentre os mortos for procurá-los, eles se arrependerão. Mas Abraão lhe disse: Se não escutam nem a Moisés nem aos Profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão.

⁵⁹ Referência comumente utilizada pelos evangelistas para descrever o grau de sofrimento esperado no inferno aos perdidos; temos como exemplos as diversas parábolas proferidas por Jesus como os textos de Mt 24.45-51; Mt 25.1-46, entre outras.

⁶⁰ Nome do lugar onde ficavam os salvos do AT; pela indicação das escrituras, ficava no mundo inferior, havendo uma separação clara entre os salvos, que estavam no Seio de Abraão, e os perdidos que estavam no *Hades*.

Observa-se que o texto em referência faz clara alusão ao mundo dos mortos, e sua divisão, isto é, o local de paz e sossego destinado aos salvos; chamado neste texto de *Seio de Abraão*, e o local de tormentas destinado aos perdidos. O trecho faz um contraponto entre o rico que teve uma vida repleta de bens, de grandeza e satisfação; enquanto o pobre Lázaro somente vivia consumido pelas úlceras, mas pela misericórdia de Deus foi salvo, tendo um porvir de honra. Na fala de Abraão, vê-se que existe um grande abismo entre o local de gozo e o local de tormentas; e que ninguém pode atravessar de um lado para o outro; muito menos ainda o morto voltar a terra e ter uma nova chance.

Configura-se uma espacialidade própria dos salvos destinados ao *Seio de Abraão* que aparenta haver também no submundo; porém com uma clara divisão, como mencionara o próprio patriarca nesta história, com o submundo dos mortos perdidos.

O cristianismo vai dar extremo valor à salvação e à vida pós-morte, tendo em vista a crucificação do próprio Jesus Cristo e sua ressurreição ao terceiro dia conforme Jo 20:1-30. Vai dar a conotação de ser, na ótica cristã, Jesus homem-Deus, pois ele venceu a morte. Logo, todo aquele que nele crê pode também vencer a morte eterna, e ser salvo; isto é, destinado ao local daqueles escolhidos pelo mestre.

A figura da morte vicária de Cristo e sua ressurreição são temas essenciais à teologia cristã; e a pregação dos apóstolos, principalmente a paulina, focará muito na salvação de todos aqueles destinados, independentemente de serem judeus ou gentios. E com o forte embasamento nas literaturas rabínicas e na cultura judaica, Paulo também trabalha com a ideia de mundo dos mortos; e do local destinado aos salvos e perdidos; inclusive fazendo referência a novas zonas de espacialidade divina.

Paulo faz uma teologia especial com enfoque na ressurreição e na salvação; na primeira epístola aos Coríntios no capítulo 15, Paulo faz um apanhado geral sobre a ressurreição, chegando à seguinte conclusão: "Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé". Observa-se que a ressurreição dos mortos ganha contorno especial para a pregação e um dos principais alicerces da fé. Segue o texto de 1Co 15:11-58:

1Co 15:11-58: Por conseguinte, tanto eu como eles, eis o que pregamos. Eis também o que acreditastes. Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dos mortos, como podem alguns dentre vós dizer que não há ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé. Acontece mesmo que somos falsas testemunhas de Deus, pois atestamos contra Deus que ele ressuscitou a Cristo, quando de fato não ressuscitou, se é que os mortos não ressuscitam. Pois, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, ilusória é a vossa fé; ainda estais nos vossos pecados. Por conseguinte, aqueles que adormeceram em Cristo estão perdidos. Se temos esperança em Cristo tão-somente para esta vida, somos os mais dignos de compaixão de todos os homens. Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que adormeceram. Com efeito, visto que a morte veio por um homem, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. Pois, assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida. Cada um, porém, em sua ordem: como primícias, Cristo; depois, aqueles que pertencem a Cristo, por ocasião da sua vinda. A seguir haverá o fim, quando ele entregar o reino a Deus Pai, depois de ter destruído todo Principado, toda Autoridade, todo Poder. Pois é preciso que ele reine, até que tenha posto todos os seus inimigos debaixo dos seus pés. O último inimigo a ser destruído será a Morte, pois ele tudo colocou debaixo dos pés dele. Mas, quando ele disser: "Tudo está submetido", evidentemente excluir-se-á aquele que tudo lhe submeteu. E, quando todas as coisas lhe tiverem sido submetidas, então o próprio Filho se submeterá àquele que tudo lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todos. Se não fosse assim, que proveito teriam aqueles que se fazem batizar em favor dos mortos? Se os mortos realmente não ressuscitam, por que se fazem batizar em favor deles? E nós mesmos, por que a todo momento nos expomos ao perigo? Diariamente estou exposto à morte, tão certo, irmãos, quanto vós sois a minha glória em Jesus Cristo nosso Senhor. De que me teria adiantado lutar contra os animais em Éfeso, se eu tivesse apenas interesses humanos? Se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, pois amanhã morreremos. Não vos deixeis iludir: "As más companhias corrompem os bons costumes". Tornai-vos sóbrios, como é necessário, e não pequeis! Pois alguns dentre vós tudo ignoram a respeito de Deus. Digo-o para a vossa vergonha. Mas, dirá alguém, como ressuscitam os mortos? Com que corpo voltam? Insensato! O que semeias não readquire vida a não ser que morra. E o que semeias não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas um simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. A seguir, Deus lhe dá corpo como quer; a cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio. Nenhuma carne é igual às outras, mas uma é a carne dos homens, outra a carne dos quadrúpedes, outra a dos pássaros, outra a dos peixes. Há corpos celestes e há corpos terrestres. São, porém, diversos o brilho dos celestes e o brilho dos terrestres. Um é o brilho do sol, outro o brilho da lua, e outro o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de brilho. O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos; semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual. Se há um corpo psíquico, há também um corpo espiritual. Assim está escrito: o primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente; o último Adão tornou-se espírito que dá a vida. Primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é psíquico; o que é espiritual vem depois. O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre. O segundo homem vem do céu. Qual foi o homem terrestre, tais são também os terrestres. Qual foi o homem celeste, tais serão os celestes. E, assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste. Digo-vos, irmãos: a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade. Eis que vos dou a conhecer um mistério: nem todos

morreremos, mas todos seremos transformados, num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final; sim, a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade. Quando, pois, este ser corruptível tiver revestido a incorruptibilidade e este ser mortal tiver revestido e imortalidade, então cumprir-se-á a palavra da Escritura: A morte foi absorvida na vitória. Morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a Lei.

Em todas as epístolas paulinas de grande porte há alusão à ressurreição dos mortos, incorruptibilidade do corpo e à salvação universal; outra passagem de suma importância neste contexto é a passagem de Ef 4:8-10.

Ef 4:8-10: Tendo subido às alturas, levou cativo o cativo, concedeu dons aos homens. Que significa que subiu, senão que ele também desceu as profundezas da terra? O que desceu também o que subiu acima de todos os céus a fim de plenificar as coisas.

Paulo relata que Cristo desceu a mansão dos mortos antes de subir ressurreto ao pai levando consigo os salvos, ou melhor, aqueles que se encontravam no Seio de Abraão aguardando a vitória do Messias sobre a morte; um outro ponto interessante é que quando o apóstolo Paulo cita a expressão “céus”, demonstra ter conhecimento da literatura rabínica que apontava a existência de ao menos dez céus. Logo, Paulo relata como um dos céus, onde está Deus, e outro deste "céus" seriam a habitação dos salvos tanto do AT, quanto daqueles que agora seguem e guardam os mandamentos de Jesus. Ele mesmo fala que foi arrebatado ao terceiro céu⁶¹, que é relatado como o paraíso; sendo assim, pela teologia paulina os salvos estariam neste céu, desfrutando das graças e da inefável palavra de Deus.

O autor do apocalipse também trabalha com a ideia de ressurreição dos mortos, mostrando inclusive no juízo final o julgamento do *Hades* e da Morte, sendo lançados no lago de fogo – o qual é indicado como o lugar final de todos aqueles que não foram inscritos no livro da vida; isto é, todos que não foram salvos; enquanto os salvos herdarão a Nova Jerusalém com ruas de ouro e cristais, o santuário e habitação do próprio Altíssimo. Novamente, mostra-se a distinção final do local de onde habitarão os "salvos" e os "perdidos".

Logo, constata-se que houve uma dupla apropriação do tema “mundo dos mortos”. Primeiro, nascendo na cultura iraniana e sendo reapropriado pelos judeus a

⁶¹ 2Co 12.2 demonstra isso quando Paulo fala de sua experiência ao ser arrebatado ao céu onde esta a presença de Deus, e entrega um arcabouço bíblico para falar de local dos salvos; isto é, o céu, o qual o próprio Cristo levou aqueles que estavam cativos no submundo para a presença de Deus.

partir dos contatos culturais entre esses povos (principalmente por meio do helenismo). Posteriormente, com a pregação universal do cristianismo o tema foi novamente visitado e resignificado, ganhando status de essencial à teologia patrística, que lançava a expectativa de melhorias e de justiça à vida após a morte (tendo em vista que o próprio Jesus fala nas suas pregações que a vida terrena seria de tribulação, para um porvir glorioso àqueles que fossem fiéis e guardassem a palavra do Senhor).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que vários elementos importantes na apocalíptica judaica são visitados numa análise que busca entender as peculiaridades do ambiente e da situação social vivida pela Judeia; sendo assim, observam-se vários aspectos de importância fundamental para constituição do judaísmo pós-exílio babilônico, ideias como: alma, *sheol*, salvação, ressurreição e mundo dos mortos são revisitados pelo judaísmo, incorporando elementos que até então não foram imaginados pelos judeus.

Tal matriz ideológica, da qual o judaísmo se serve na incorporação dessas ideias tão importantes no decurso de sua evolução como religião monoteísta, parece ter sua gênese no mundo persa, por meio da religião zoroastra.

A religião persa já estava estabelecida e suas principais doutrinas estavam expressas no seu livro, o *Bahman Yašt*, que tem sua provável datação anterior ao séc. X a.C., enquanto o judaísmo ainda estava se desenvolvendo e aperfeiçoando suas doutrinas e crenças.

Outro fator tão importante quanto o desenvolvimento das ideias que serviram como pilares para formulação das doutrinas judaicas é a possível apropriação do mito das idades, metais e monarquias mundiais que definiram um novo espectro de análise da situação social vivida pelos judeus.

A reapropriação das ideias iranianas, como a configuração das diferentes espacialidades do mundo dos mortos serviram de combustível para a resistência cultural contra o ideário de unificação idealizado por Alexandre, o Grande, e implementado na Judeia no séc II a.C. por Antioco Epifanes. Aqueles que viam no processo de helenização um meio de inserirem geograficamente a Judeia no contexto sociopolítico eram "demonizados" e tinham como recompensa o "locus" de punição e sofrimento eterno, posteriormente chamado de "inferno" pelos cristãos; enquanto aqueles que lutavam e resistiam às investidas tanto estrangeiras quanto dos próprios judeus helenizados, tinham reservado o paraíso e a ressurreição para glória e vida eternas ao lado de sua divindade.

Vê-se que a configuração do local do mundo dos mortos se deu através da incorporação de ideias de outras religiões ao contexto cultural judaico, isto é, tentou-se combater a unificação cultural (religiosa) proposto pelo governante selêucida da

Judeia utilizando para isso argumentos culturais distantes daqueles inseridos até então nos escritos sagrados judaicos.

O mundo dos mortos, a ressurreição, salvação e porvir, são incorporados tardiamente pelos judeus na tentativa de fazer com que fosse um "escape" para aqueles que perderam pessoas próximas na revolta dos Macabeus, e como combustível para que os judeus lutassem em prol da manutenção da sua cultura, e principalmente de sua divindade.

O cristianismo com sua pregação de cunho universal se serve deste arcabouço iraniano moldado ao contexto judaico para formular sua teologia soteriológica; isto é, a salvação seria para aqueles (todos) que guardassem os ensinamentos de Jesus Cristo (e que foram martirizados pelos governantes pagãos romanos); e aqueles moralmente condenáveis teriam como recompensa o lago de fogo.

A ressurreição dos mortos seria para todos os homens, porém haveria distinção através das obras que executaram em vida na terra. Os fieis ao seu Deus, obedientes aos ensinamentos de Jesus Cristo e dos apóstolos teriam o céu e a própria glória de Deus como recompensa; já os que viviam à margem do cristianismo e tinham o paganismo e a religião romana como centro, seriam destinados ao inferno e ao sofrimento eterno.

Observa-se com isso como os fenômenos religiosos estão diretamente ligados à transformação do ideário e da mentalidade de um determinado povo, ocasionando mudanças diretas na ordem política e social de um povo. Neste caso, a pesquisa realizada mostra como a criação de um lugar do mundo dos mortos serve de combustível para uma revolta no contexto judaico e de base para uma teologia inclusivista. E que por mais que mostrasse que o caminho era "estreito", tinha em Cristo a possibilidade de salvação a todo homem; e a imagem de um céu glorioso servia de base para a resistência à perseguição romana e a vivificação na fé em Jesus Cristo.

A geografia do mundo dos mortos é configurada em ambas as religiões com um duplo fim: a preservação do culto a sua divindade e do seu ideário, e a insuflação à resistência e luta (no caso dos judeus, na revolta dos Macabeus contra o processo de helenização da Judeia; e dos cristãos, na resistência ao paganismo romano, sendo necessário até o martírio, tendo em vista que mesmo os apóstolos foram martirizados por manterem sua fé em Jesus Cristo).

O céu passou a ser a recompensa aos fieis que guardavam os ensinamentos da sua religião, e o inferno àqueles que serviam ao paganismo ou se apostataram da sua fé e deixaram de crer na sua divindade tanto no contexto judaico quanto no cristão.

Sendo assim, pode-se constatar que as noções de “mundos dos mortos”, “salvação”, “ressurreição” e “além” sofrem um dupla reapropriação. Primeiramente, quando é resignificada da sua fonte oriental pelo judaísmo para fins de promoção dos seus valores religiosos em detrimento dos valores helenísticos, a partir dos contatos dados com os povos estrangeiros. Posteriormente, pelos cristãos, que fazem do porvir e do além a sua expectativa frente à intensa perseguição sofrida pelos dominadores romanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBACENA, Fabrício S. **O tema das sete idades do mundo no pensamento de Agostinho de Hipona sobre o sentido da história**, 2008. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2008.

CHARLESWORTH, James (ed.). **The Old Testament Pseudepigrapha**. New York: Doubleday, 1983-1985. (2 volumes) [abreviado como OTP 1 e 2].

DANIEL. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulinas, 1986.

DUCHESNE-GUILLEMIN, Jacques. Apocalypse juive ET apocalypse iranienne. In: **Bianchi, Ugo and Vermaseren, Maarte J.** (Eds.). *La soteriologia dei culti orientali nell' Impero romano: anti del Colloquio internazionale su la soteriologia dei culti orientali nell'Impero romano*, Roma, 1979.

HESIODO. Os trabalhos e os dias. In: **Lafer, Mary de Camargo N.** (ed.). **Os trabalhos e os dias - Hesíodo**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BOYCE, Mary. On the Antiquity of Zoroastrian apocalyptic. In: **Bulletin of the School of Oriental and African Studies** 47, 1984. p.57-75.

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II**. 2 vols. São Paulo: Martins Fontes, 1984

COLLINS, Adela Y. "Numerical symbolism in Jewish and Early Christian apocalyptic literature". In: **HAASE, WOLFGANG E TEMPORINI, HILDEGARD** (eds.). **Aufstieg und Niedergang der römischen Welt**. Berlin: De Gruyter. (ANRW), 1984. p.1222-1287.

COLLINS, John J. **A Commentary on the Book of Daniel**. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

_____. **The apocalyptic imagination**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1984.

_____. **Semeia vol.14: "Apocalypse: the morphology of a genre"**. New York: SBL, 1979.

COHN, Norman. **Cosmos, caos e o mundo que virá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FAITANIN, P. **Tomás de Aquino: opúsculos filosóficos**. Edição bilíngue, introdução e notas. Volume 1. São Paulo: SITA-Brasil, 2009

FLUSSER, David. "The Four World Empires in the Fourth Sybil and in the Book of Daniel". In: **Israel Oriental Studies** 2, 1972.

_____. "The Fourth Empire - an Indian rhinoceros?". In: **Judaism and the origins of Christianity**. Jerusalem: Magnes Press, 1988.

GIGNOUX, Philippe. Sur l'inexistence d'un Bahman Yasht avestique In: **Journal of Asian and African Studies** 32, 1986; "L'apocalyptique iranienne est-elle vraiment la source d'autres Apocalypses?" **Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae** 31 (1-2), 1998.

HENGEL, Martin. **Judaism and Hellenism**, London: SCM, 1974.

HULTGÅRD, Anders. "Persian apocalypticism". In: COLLINS, John J. (ed.). **The Encyclopedia of Apocalypticism**. New York: Continuum, 1998.

LACOQUE, André. **Daniel in his time**. University of South Carolina Press, 1983.

LINDBERG, Carter. **Uma Breve História do Cristianismo**. São Paulo, Loyola, 2008.

MARQUES, Luiz. Dez Coordenadas para os anos 1400-1480. In Marques, Luiz (org). **O Tempo do Renascimento. Revista História Viva, coleção O Tempo do Renascimento**. São Paulo, vol. 2, . pp. 10-15, 2009.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **Os limites da helenização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

ROWLEY, Harold H. **Darius the mede and the four world empires in the Book of Daniel**. Cardif: University of Wales Press, 1959.

RUSSELL, David S. **The method and message of jewish apocalyptic**. Philadelphia: The Westminster Press, 1964.

SILVA, Diego L. da. S. Jerônimo e a interpretação romanizante da 'quarta besta' de Daniel. In: "VII SEMINÁRIO DE ESTUDOS DE APOCALÍPTICA / I SEMINÁRIO INTERNO DO PROJETO DE ESTUDOS JUDAICO-HELENÍSTICOS - PEJ - / I SEMINÁRIO DO GEA". Brasília: UMESP-UnB, 2006, **Anais ... Brasília, 2006, p.1-11**.

SANDARS, Nancy. K. **A Epopéia de Gilgamesh**. São Paulo: Martins Fontes, 1992,

TREBOLLE BARRERA, Julio. **A bíblia judaica e a bíblia cristã - introdução à história da bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1995.